

O 'Meu' Japão

J. Roberto Whitaker Penteadó

Meu amigo Milton Mira decidiu fazer um livro sobre os 100 anos da presença japonesa no Brasil* e pediu a 100 amigos as suas impressões. Claro que as minhas referem-se só a 2/3 desse tempo.

Considerando a minha geração, elas vêm na seguinte ordem: primeiro, o cinema de Hollywood, mostrando os japoneses como inimigos, depois, passando de inimigos a aliados, redimindo-os, com filmes inesquecíveis (para o adolescente que eu era) como *A Casa de Chá do Luar de Agosto* (1956), em que Marlon Brando conseguia personificar Sakini, um japonês, simpático e acreditável...

Depois, a proposta de um professor, no internato em que estudava, para que os alunos escolhessemos correspondentes numa coisa chamada Pen Pal Club. Eu escolhi o Japão; o meu nome foi divulgado por lá e logo recebia cartas de dezenas de japonezinhos e japonezinhas interessados no Brasil, contendo fotos e pequenas lembranças. Respondi a tantas quanto foi possível. Depois continuei, por algum tempo, a corresponder-me com um menino de nome Tatsuo Doi.

Terceiro, foi o filme *Rashomon* (1950), a que assisti já adulto - e que consistiu num dos primeiros contatos com o pensamento filosófico japonês, que leva bem mais a sério do que o nosso a relatividade das coisas..

A principal contribuição dada ao Brasil pelo povo japonês: à parte a transformação radical da nossa agricultura, fazendo-a saltar da Idade Média para o mundo moderno, acho que a melhor coisa que resultou deste encontro foi a confirmação da (boa) tendência brasileira de conviver com a diversidade. Japoneses, brasileiros e brasileiros de origem japonesa de todos os matizes entendem-se maravilhosamente desde os dias da chegada dos primeiros por aqui - apesar de dificilmente haver uma distância maior entre duas geografias e culturas. Não conheço um só brasileiro que não considere um nissei de 3a geração como 100 por cento brasileiro; ainda que - sob pressão - ele possa admitir, com alguma relutância, que este patricio talvez seja, também, 100 por cento japonês... Um caso de sinergia étnica, talvez?

Para encerrar, um episódio interessante.

Tenho um amigo carioca, Jayme Garcia, que - como eu - teve correspondentes no Japão, quando criança. Só que - diferentemente da minha atitude digressiva - ele ficou tão fascinado pelas suas descobertas, que decidiu aprender japonês para conhecer melhor o povo e a sua cultura. Não havia escola que ensinasse japonês, na época, então ele foi à Embaixada e descobriu que, lá, havia cursos para brasileiros. Aprendeu a língua, praticando com os turistas que chegavam, periodicamente, ao Rio, de avião ou navio. Jayme fez uma bela carreira num banco americano e, um dia, foi convidado para trabalhar em Nova York. Lá, descobriram que ele falava japonês fluentemente e mandaram-no para o Japão, onde - em pouco tempo - se tornava o presidente do banco! Ficou por lá bem uns 20 anos. Constituiu família - passou uns tempos de volta no Brasil, aposentado - mas, não faz muito tempo, acabou "voltando", com sua Hitomi, para a pátria de adoção - e de paixão.

* *Brasil Japão, 100 anos de paixão* - M. Books, 2008.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=60&ID=464>> .
Acesso em: 24 jul. 2009.